

O Racismo na Construção Identitária: os casos cinematográficos de “Adivinhe quem vem para o jantar” (1967) e “Inimigo meu” (1985)

Marcelo Carreiro¹

Resumo: Mecanismo essencial da construção da identidade, conforme extensamente demonstrado pela psicologia, a projeção de um “outro” negativo é capaz de estimular didaticamente a promulgação de valores comunais opostos, sendo a raiz do preconceito no qual se inclui em destaque o racismo. O artigo demonstra como a cultura de massa atual vem combatendo esse ferramental datado de construção identitária, ao promover um discurso de desconstrução do outro negativo, como nos exemplos marcantes dos filmes “Adivinhe Quem Vem para o Jantar” e “Inimigo Meu”.

Palavras-Chave: história cultural; cinema; racismo; identidade.

Abstract: An essential mechanism to the construction of identity, as extensively demonstrated by psychology, the projection of a negative “other” is capable of didactically stimulate the propagation of its opposed communal values, being the main cause of prejudice, in which racism is greatly included. The article demonstrates how current mass culture is fighting this dated tool of identity construction by promoting a discourse of deconstruction of the negative other, as seen in the remarkable movies “Guess Who’s Coming to Dinner” and “Enemy Mine”.

Keywords: cultural history, cinema, racism, identity.

Artigo recebido em 24/06/2014 e aprovado em 10/11/2014.

Ao menos desde 1914, quando Freud publica “Narcisismo: Uma Introdução”¹, é conhecido o papel da presença do outro no desenvolvimento da identidade – a alteridade atua como elemento de padronização e oposição a partir dos quais as pulsões primárias da humanidade manifestadas pelo *id* freudiano são moldadas socialmente na autoimagem individual do *ego*.

Nesse sentido, tradicionalmente a psicologia identifica a alteridade como exercendo primariamente um papel mimético de caráter narcisista – a tradução das pulsões individuais em comportamentos apropriados para suas práticas. Em outros termos, a criança repete o que viu em práticas alheias à si mesma e daí retira seus elementos básicos de identidade, imitando o que lhe dá prazer através de dois mecanismos: um ativo, através de sua observação com seus pares; e outro passivo, nos quais ela é ensinada a repetir determinados ritos (o que, na verdade é basicamente o processo educacional em marcha). Psicologicamente, a criança não se difere dos outros: ela os vê como extensão dela própria – daí a apropriação dos atos alheios ocorrer de

O RACISMO NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA: OS CASOS CINEMATOGRÁFICOS DE “ADIVINHE QUEM VEM PARA O JANTAR” (1967) E “INIMIGO MEU” (1985)

MARCELO CARREIRO

forma narcisista, com a ausência da percepção de que cada indivíduo é dotado de sua subjetividade própria: a criança repete e entroniza por imaginar que todos são, psicologicamente, extensões dela própria e, portanto, seus prazeres são transmissíveis diretamente à ela mesma.

Com esse processo, é no mecanismo passivo de apreensão do mundo que se encontra a educação e seu papel social e socializante – é quando a criança é efetivamente introduzida aos códigos de conduta de sua sociedade através da formatação de seus impulsos naturais em práticas sociais aceitáveis em seu meio. Ou seja, quando a doutrinação cultural ocorre, causando a diferenciação identitária entre os diferentes grupos culturais humanos.

Contudo, é também nesse processo de formatação social através da cultura que ocorre a inevitável dissociação entre o exemplo e o impulso – a criança toma contato com obrigações de condutas sociais incompatíveis com suas predileções naturais. Consequência inevitável de um processo de modelagem cultural obrigatório, essa dissociação entre pulsão e educação resulta numa supressão de desejos e causa a ruptura psicológica traumática entre o desejo e o permitido socialmente – o que Freud identificaria posteriormente como um “mal-estar” (em “O Mal-Estar na Civilização”, de 1930¹¹) e, pela supressão do desejo natural pelo protocolo social, fonte inevitável de neuroses.

É precisamente nesse modelo de modelagem identitária passiva, que ocorre pela educação, que ocorrem as primeiras tentativas de rejeições de um modelo de comportamento incompatível com o desejo íntimo individual – esse é o caminho da alteridade.

Ao ser apresentado a um código de conduta social inescapável e incompatível com seus desejos, o indivíduo tenta rejeitá-lo e testa a capacidade de coerção dessa norma. Essa tentativa de rejeição é a primeira experiência individual com uma alteridade – e ela provoca uma ruptura no modelo narcisístico assumido até então, que tomava o outro e suas experiências como expressão de si próprio, entendendo que suas experiências eram na verdade espelháveis e, em última instância, também do ego a recebê-las.

Ou seja, é a partir do surgimento da rejeição ao outro, ensinado pela passagem cultural que é a educação, que surge a alteridade e é desconstruído o narcisismo original do indivíduo – é na negação do outro que se encerra a fantasia que todos os exemplares humanos são extensões de sua própria identidade.

Nesse sentido, a construção efetiva do ego é resultado direto da capacidade de diferenciação entre si mesmo e os demais, em um processo onde a normatividade social é doutrinada ao indivíduo através da educação e tomada como elemento essencial para sua participação em sua coletividade humana.

A alteridade que surge como inevitável nesse processo de formatação psicossocial e é pontualmente contestada em sua aplicabilidade pelo indivíduo descontente com seus novos limites, logo demonstra seus instrumentos de coerção capazes de garantir que a resistência individual seja superada – ou seja, a identificação da alteridade e sua ativa rejeição é desencorajada. Contudo, logo a alteridade será recuperada e validada como instrumento social de formação cultural – quando agora o grupo social sofisticada sua formação e coloca suas próprias regras social em contexto.

A psicologia social identifica precisamente nesse fenômeno a clivagem na qual a alteridade passa a ser usada como um instrumento de coerção identitária ao corroborar, contextualizar e mesmo justificar emotivamente as regras sociais de conduta que são apresentadas ao ego como seu pressuposto para a existência coletiva.

O RACISMO NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA: OS CASOS CINEMATOGRÁFICOS DE “ADIVINHE QUEM VEM PARA O JANTAR” (1967) E “INIMIGO MEU” (1985)

MARCELO CARREIRO

Ou seja, primeiro o indivíduo é moldado às demandas culturais de seu grupo social (educação). Nisso, se levanta contra algumas imposições – mas é vencido pela normatividade do grupo. Então, sua construção identitária se sofisticava ainda mais: seu próprio grupo social demonstra que suas regras, inclusive as que antes causavam rejeição, constituem um todo coeso. Esse argumento só se torna possível com o contraste da cultura do grupo com outras culturas – e, para isso, a alteridade que antes era socialmente desencorajada é recuperada ativamente como ferramenta de validação das regras de conduta do grupo frente a outros.

Assim, a alteridade não se torna um mecanismo de análise ou redefinição das regras “civilizacionais” de um grupo social – muito pelo contrário, a análise do outro é utilizada entusiasticamente pelo grupo para a ativa rejeição do diferente, para validação de seus próprios traços culturais.

Com esse mecanismo, o distinto se torna em graus gradativos conforme sua alteridade o “diferente”, “estranho”, “exótico” – o errado. Diferente de nós, ele é um “outro” negativo, uma imagem espelhada preta de defeitos e disfunções – e nossa cultura é precisamente correta em suas regras e formas precisamente porque nos diferencia.

Nesse sentido, a alteridade é usada civilizatoriamente, através da educação entendida como instrumento de passagem cultural, para fabricar uma identidade negativa, distorcida, cuja função final é a corroboração de nossas regras – o que demonstra que, mesmo as normas de conduta anteriormente questionadas por inevitavelmente incompatibilizarem-se com nossos impulsos são justificáveis, posto que parte do conjunto de códigos que nos distinguem dessa identidade invertida. Exemplo literário consagrado do papel da educação na elaboração de uma alteridade negativa é o imortal romance cômico “O Bom Soldado Svejk”, publicado por Jaroslav Hasek em 1923, no qual o protagonista Svejk, considerado parvo e, portanto sem educação formal, é enviado às trincheiras da Primeira Guerra Mundial – apenas para, ao ver seu primeiro combate, correr para o meio dos fuzis gritando “parem, parem! Tem gente do outro lado!”. Svejk, claro, não tinha aprendido como os soldados alemães eram inferiores e mereciam ser atacados – a profunda moral do conto é precisamente Svejk percebê-los como iguais, posto que não aprendeu como eles são inferiores (e, portanto, ele próprio superior)^{III}.

Obviamente, a caricaturização da alteridade não se sustenta sozinha frente à uma apreensão mais pormenorizada do outro – o convívio permite inevitavelmente a eclosão de similitudes que perturbam o modelo caricatural, assim como demonstra a imprecisão dessa identidade construída pela ausência ou distorção de seus pontos negativos.

Com o confronto entre a experimentação direta da alteridade com sua descrição caricata ditada por nossa cultura, surge um mecanismo notável para a preservação de nossa identidade cultural – o preconceito.

Desprovido de qualquer racionalidade, o preconceito sustenta a alteridade como identidade negativa através da reafirmação de seus traços diferenciais mais marcantes – e, portanto, mais absurdos. Essa aposta na caricaturização só tem sucesso ao enfrentar a dissociação entre a construção cultural da alteridade e a experiência individual com o outro, porque tem como elemento fundamental de sua força o contínuo reforço interno do grupo social.

Ou seja, o preconceito só sobrevive em seu absurdo porque, quando desnudado pela experiência direta com o outro, ele passa a ser sustentado ainda mais por seu grupo social, numa dinâmica interna que reassegura o papel negativo da alteridade – e, nisso, a superioridade cultural do grupo social em questão. É desse mecanismo que temos como consequência direta os extremos de intolerância a partir da exposição continuada a esse modelo de reforço coletivo do preconceito como elemento fundamental da identidade – conforme o acúmulo da reafirmação

O RACISMO NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA: OS CASOS CINEMATOGRAFICOS DE “ADIVINHE QUEM VEM PARA O JANTAR” (1967) E “INIMIGO MEU” (1985)

MARCELO CARREIRO

social se torna mais prolongado, mais estridente se torna sua defesa e repetição, dificultando um reposicionamento fora do sistema de valores repetido pelo grupo: velhos cães não apenas tendem a não aprender novos truques como repetem de forma cada vez mais obstinada seus antigos.

Nessa dinâmica, o preconceito não é mero capricho irracional ou tentativas ignorantes de simplificação de um universo complexo em categorias simples – muito pelo contrário, ele se apresenta como parte essencial da construção de uma identidade, sendo ensinado pelo grupo social como maneira de sustentação de suas práticas e sustentado coletivamente como método de coesão identitária grupal.

Com isso, o preconceito tem raízes em nosso desenvolvimento psicossocial normal e, em sua irracionalidade, se fecha à contestações empiristas numa dinâmica de reafirmação tribal no qual a identidade do grupo é cada vez mais estreitada conforme pressionada pelos fatos.

Nesse quadro, o preconceito pode sustentar caricaturas positivas ou negativas – mas em ambos os casos reafirmando sub-repticiamente o valor superior da cultura do observador. Assim, preconceitos aparentemente amáveis como “velhos são ternos” ou “mulheres são belas” apresentam em sua evidente estereotipização também um mecanismo totalizante de lide com a alteridade no qual suas adjetivações exercem a dupla função de controlar o outro em categorias imediatas e reduzi-los a elementos distintos – portanto, negativos – da identidade do grupo: respectivamente, ternura e beleza são atributos externos à identidade, posto que senão não seria explicitados, e em seu aparente caráter positivo contém a noção de que tais qualidades são inócuas e externas ao grupo.

Nesse sentido, os preconceitos “positivos” não comportam verdadeiros elogios, até porque isso colocaria o código cultural do grupo observador aberto à questionamento (“se eles são ternos e isso é bom, por que não o somos?”) e, na verdade, oferecem a simplificação da alteridade em adjetivos inócuos cujo valor intrínseco não perturba a identidade do grupo – ou seja, quando se fala “velhos são ternos” ou “mulheres são belas” o que realmente se lê é respectivamente “como somos justos” e “como somos duros”. Obviamente, as qualidades reais são reafirmadas nos interstícios do preconceito positivo: justos e duros.

Esse discurso truncado entre o elogio e a qualidade real seu antônimo é substituído por um sistema mais simples e direto nos casos de preconceitos negativos, onde a alteridade sequer precisa ser domada, mas claramente rejeitada – é quando passamos propriamente aos casos de discriminação.

Sendo um caso específico do preconceito, ferramenta de afirmação identitária de um grupo cultural frente à alteridade, a discriminação é universal posto que um mecanismo fundamental de construção psicossocial da identidade individual – todos somos doutrinados a sermos de algum modo discriminadores por nossa cultura, ao mesmo tempo que obviamente somos também alvo da discriminações de outros grupos culturais: o mecanismo é universal, e é nessa universalidade que consegue efetivamente demarcar grupamentos humanos em culturas distintas: não há o Homem absolutamente isento de discriminação, posto que apesar de uma realidade global incrementalmente interconectada ainda não dispormos de uma cultura global definida na qual um indivíduo poderia ser aculturado sem o recurso de identidades negativas, já que seu grupo cultural englobaria toda a Humanidade.

Na verdade, ainda que tal sociedade fosse factível e viesse a oferecer esse substrato de cultura universal para a construção de uma identidade, a psicologia, como vimos, nos demonstra que a alteridade é elemento essencial da construção de nosso ego: nosso *Homo universalis* teria de criar seus diferentes para poder construir sua própria personalidade.

O RACISMO NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA: OS CASOS CINEMATOGRAFICOS DE “ADIVINHE QUEM VEM PARA O JANTAR” (1967) E “INIMIGO MEU” (1985)

MARCELO CARREIRO

Contudo, se a discriminação funciona como método de coesão da cultura local ao eleger e qualificar negativamente a alteridade, o outro primordial é o que apresenta uma diferenciação física capaz de separá-lo e distingui-lo. Nesse sentido, a alteridade é especialmente corporal, capaz de justificar imediatamente a exclusão do grupo e a imediata qualificação negativa do indivíduo – mais ainda, dada sua base física, cria uma alteridade estanque, na qual seus membros constituintes nunca podem deixar de sê-lo e garantindo a aplicabilidade do modelo, já que discriminações culturais podem ser respondidas pela transição de uma cultura para outra, numa mobilidade – ainda que inevitavelmente aceita com reservas – viável posto que reassegura a cultura dominante da qualidade superior de seus imaginados méritos. O diferente físico não pode se aculturar, abandonar sua diferença em uma capitulação – sua alteridade é não apenas permanente, mas evidente.

Fica claro o poder psicossocial de um indivíduo fisicamente diferente – não é surpresa que nesse caso os qualitativos negativos contra a alteridade tomem sua forma mais enfática: o outro de físico diferente é cabalmente diferente, sem compromisso nem disfarce. Nele reside a alteridade em sua forma mais explícita e absoluta – natural que seja, portanto, alvo especial da discriminação, que toma facilmente contornos extremos frente apenas sua versão cultural, na qual a alteridade tem de ser artificialmente construída e mantida pela recorrência do grupo no tema.

A discriminação física é ampla e absolutamente variada, utilizando-se sempre da alteridade disponível – gênero, deficiências (que em sua própria definição já prenuncia linguisticamente sua negatividade), cores de cabelo ou mesmo olhos... e pele.

Maior órgão do corpo humano, a pele é o elemento mais visível de qualquer indivíduo – o que significa que sua coloração diferente é o principal atributo físico, cabalmente percebida e inescapável: na pele encontramos o fundamental diferencial humano, evidentemente tornando-se o principal foco de discriminação.

No entanto, historicamente essa diferenciação física essencial tinha claro segundo plano – o historiador Bernard Lewis aponta que as primeiras civilizações não consideravam a diferenciação étnica particularmente preocupante: a regra de aceitação social era apenas a adoção plena das normas culturais do grupo, i.e. a entronização e reforço de sua identidade coletiva.^{IV}

Por sua vez, nas civilizações clássicas como a grega, romana e chinesa, entendia-se a variedade étnica como resultado de diferenças climáticas, como acreditavam Hipócrates^V ou, ocasionalmente, o resultado físico de alguma diferença cultural – Aristóteles via mesmo aos diferentes tipos físicos humanos como resultados de suas diferentes organizações culturais, especialmente as políticas, que poderiam ser livremente trocadas^{VI}. De qualquer maneira, como na Antiguidade, o fisicamente diferente tinha sua alteridade principal não em seu corpo, mas na sua cultura – a adoção da cultura do grupo eliminava sua alteridade.

Embora no medievo as religiões abramânicas tenham oferecido a narrativa das diferentes etnias como resultados da influência divina direta no Homem, a diversidade humana era secundária frente à unicidade da espécie: apesar das peles, todos compartilhavam a mesma humanidade fornecida pelo criador.

É apenas na modernidade que o conjunto de diversidades físicas, mormente a cor da pele, se apresenta como um novo paradigma na diferenciação humana com o surgimento do conceito europeu de raças – é precisamente das navegações e do contato europeu com toda uma nova pletera de povos que surgem as palavras que designam raça nas línguas europeias e sucessivamente nas demais: mesmo a portuguesa “raça” cuja primeira datação é de 1473^{VII}.

O RACISMO NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA: OS CASOS CINEMATOGRAFICOS DE “ADIVINHE QUEM VEM PARA O JANTAR” (1967) E “INIMIGO MEU” (1985)

MARCELO CARREIRO

Nesse contexto histórico específico de expansão militar europeia, os novos povos apresentavam uma diferenciação cultural notável, como seria de se esperar. Contudo, a diferença física marcante foi o ponto principal da construção de um imaginário cultural qualitativo inédito, que apresentava as novas alteridades não mais como potenciais gozadoras de uma identidade cultural nova – mas efetivamente subespécies diferentes dentro do gênero humano. Culturas diferentes agora eram secundárias – tratavam-se efetivamente de tipos diferentes de homens, naturalmente diferentes dos europeus e, portanto, biologicamente incapazes de assumir novas identidades através da assimilação de culturas.

E é precisamente essa diferenciação natural de uma alteridade absoluta expressa pelo seu físico singular que se constrói ideologicamente a justificativa europeia da conquista colonial e a consequente subjugação, dizimação e escravização civilizações inteiras: não eram propriamente “humanos”, mas outras raças. É o natural mecanismo de uso da alteridade na construção identitária pela diferenciação física obedecendo a uma agenda política imperialista – é o surgimento do racismo.

Nele se sustentam não apenas a florescente indústria escravocrata da modernidade como toda a arquitetura da conquista do Novo Mundo e África. É apenas com a superação da do colonialismo/mercantilismo modernos no século XIX que essa útil ideologia política é gradualmente desmontada – contudo, com sua segregação social em pleno funcionamento no século XX, quando começa a ser combatida como elemento cultural claramente anacrônico com uma nova realidade científica que demole a pretensa base biológica da diferenciação racial, além de uma realidade político-social de crescente expansão da democracia e das liberdades individuais.

Nesse contexto de superação histórica, o combate ao racismo toma fôlego culturalmente a partir do multiculturalismo crescente e do pós-modernismo, que relativizam a validade universal de verdades individuais totalitárias, isto é, com pretensões de subjugação e aceitabilidade entre todos – o que restringe o campo de ação de seccionamentos identitários marcantes e excludentes como o racismo. Também politicamente as minorias se organizam, conseguem visibilidade e lutam ativamente contra sua estereotipagem cultural, afetando diretamente o modelo tradicional de construção da identidade pela alteridade, consideravelmente amenizando suas consequências político-sociais e diminuindo sua aceitabilidade social. Preconceitos – ou ao menos suas mais extremadas manifestações – passavam a ser gradativamente menos aceitáveis socialmente, especialmente os raciais.

Esse quadro de mudanças culturais imensas apresenta um contexto de ruptura com um passado agora visto como reacionário em sua melhor hipótese – e claramente desumano em sua pior versão. É a superação desse *stablishment* político-cultural claramente anacrônico que se dedicou boa parte da História ocidental desde as últimas décadas do século XX.

Para levar a cabo esse projeto de crítica, era essencial um projeto educacional de larga escala, que pudesse apresentar à sociedade como os preconceitos raciais ainda vigentes não possuíam razão alguma de existir. Para isso ser alcançado, era essencial a reapresentação das minorias étnicas de forma a demonstrar a inadequação dos estereótipos racistas.

Contudo, como vimos, o preconceito tem um sistema de autoafirmação de grupo que garante seu funcionamento e mesmo o blinda da realidade advinda de experimentações singulares diretas. Enquanto essa dinâmica historicamente garantiu a permanência das caricaturas preconceituosas, agora haviam dois elementos inovadores e capazes de atingir toda uma sociedade simultaneamente sem distorções em sua mensagem: o ensino obrigatório

O RACISMO NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA: OS CASOS CINEMATOGRÁFICOS DE “ADIVINHE QUEM VEM PARA O JANTAR” (1967) E “INIMIGO MEU” (1985)

MARCELO CARREIRO

universalizado e a comunicação de massa. Enquanto o primeiro agia de maneira estrutural na formação de novas identidades, o segundo tinha efeito cultural imediato sobre toda a população.

É nesse sentido que o cinema se destaca como ferramenta de reeducação racial e realinhamento identitário – e isso é visível em dois filmes de temáticas, períodos e fórmulas distintas: “Adivinhe Quem Vem para Jantar” e “Inimigo Meu”.

Produzido imediatamente após o discurso de Martin Luther King “Eu tenho um Sonho” e no auge do movimento pelos direitos civis estadunidenses, “Adivinhe Quem Vem para Jantar”^{viii} apresenta um então corajoso roteiro original de William Rose sobre um tema então tabu na sociedade estadunidense: o casamento inter-racial. O tema era de tamanha relevância cultural na época de lançamento do filme que dezesseis estados anos EUA ainda o consideravam ilegal – quadro que só foi revertido de forma definitiva meses antes do lançamento comercial do filme, quando a Suprema Corte dos Estados Unidos julgou as leis antimiscigenação ilegais no caso “Loving versus Virginia”.

O tema, evidentemente atualíssimo no debate cultural da época, toma forma em um roteiro (posteriormente oscarizado, de William Rose) com uma premissa simples: um casal de brancos liberais vai se encontrar pela primeira vez com o noivo da filha, que apresenta todas as qualidades exigidas para um genro – médico de respeito internacionalmente respeitado, de família respeitada, bem vestido e de modos impecáveis. Mas é negro.

O que se segue dessa premissa não é exatamente uma comédia de costumes como seria de se esperar – mas um ataque ao racismo norte-americano, presente mesmo (e talvez principalmente) em casais ditos “liberais”. Os diálogos do filme são um exercício de desconstrução racional do racismo: cada possível argumento contra o casamento é invalidado pela clara perfeição do noivo – resta ao final, apenas o racismo como argumento contrário, quando ele é então, finalmente, vencido.

O diretor Stanley Kramer, já experiente em filmes de sucesso comercial e oscarizados como “Deu a Louca no Mundo”^{ix} e “Julgamento em Nuremberg”^x, contou com a participação de atores consagrados como os pais da noiva: Katherine Hepburn (que recebeu o oscar pela sua atuação) e Spencer Tracy. Para o noivo, Kramer selecionou o jovem ator negro Sidney Poitier – que misturava sua experiência atuando com o potencial de ser explorado como galã negro. De todo o time, apenas a noiva era inexperiente – a iniciante Katharine Houghton.

O filme foi bem recebido pela crítica e se tornou um sucesso comercial, arrecadando US\$56 milhões a partir de um orçamento de produção de apenas US\$ 4 milhões. Mais que isso, o filme acendeu o debate na sociedade norte-americana sobre o tema do casamento inter-racial. Não seria exagero supor que auxiliou de forma considerável a aceitação do tabu – precisamente por desnudá-lo frente a toda a sociedade norte-americana de uma só tacada, eliminando o mencionado mecanismo de proteção de grupo.

Posteriormente, o problema do racismo é retomado em termos mais amplos: não mais uma comédia de costumes sobre miscigenação, mas na forma conceitual da construção da alteridade como elemento identitário a partir de uma diferença física marcante – ou seja, do preconceito e de seu aspecto mais histriônico, o racismo.

“Inimigo Meu”^{xi} é uma ficção científica, gênero não raro usado para críticas sociais. No roteiro, em um futuro distante a Humanidade está em guerra com uma espécie alienígena – os “dracs”. Em meio a uma batalha, um piloto humano é abatido e se torna um náufrago em um mundo hostil – apenas para encontrar posteriormente o piloto “drac” que o havia abatido também preso ao mesmo planeta.

O RACISMO NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA: OS CASOS CINEMATOGRAFICOS DE “ADIVINHE QUEM VEM PARA O JANTAR” (1967) E “INIMIGO MEU” (1985)

MARCELO CARREIRO

Ambos, como guerreiros que são, não apenas prosseguem sua guerra agora em nível individual, mas também consideram o outro fisicamente repugnante. O ódio mútuo prossegue como natural – até ambos perceberem que só irão sobreviver no planeta se colaborarem entre si.

No momento em que a colaboração entra como precondição para a existência de ambos, os protagonistas se aproximam. Logo, estão confrontando suas experiências reais de contato com a alteridade com sua doutrinação cultural. Sem o reforço identitário de seu grupo para a corroboração de seus preconceitos, logo iniciam um processo de superação de sua inimizade: a alteridade, ao se tornar íntima, acaba por ceder ao narcisismo de substituir o outro como instância do ego: ambos desenvolvem uma amizade incondicional, posto que na verdade ambos são “iguais”.

O detalhe da produção é o acúmulo de alteridades no alienígena, que é não apenas visivelmente um negro (interpretado pelo ator afro-americano Louis Gosset Jr, excelente no papel) e, portanto sugerindo uma diferença racial, como ainda fala em uma língua própria e tem hábitos culturais próprios como uma comida “repugnante”, o que abre também a interpretação do estrangeiro como uma alteridade construída. Finalmente, o alienígena também tem uma sexualidade própria: hermafrodita, se autofecunda e morre no parto, deixando o filho sob os cuidados do humano, que o trata como próprio filho – até ser resgatado e lidar agora com o racismo de sua antiga sociedade frente à sua nova, num embate psicológico claro entre uma velha sociedade conservadora e o surgimento de uma nova sociedade liberal, com valores e processos de formação de identidade próprios.

O alienígena do filme conjuga simplesmente todos os atributos físicos de identificação de uma alteridade, funcionando como um verdadeiro arquétipo-chave do racismo: outra cor, outro gênero, outra cultura. O “drac” representa todos os elementos-chaves usados em nossos processos de construção identitária pela rejeição da alteridade – e aponta que a única saída para o preconceito é o conhecimento do outro, numa dinâmica de aproximação que demonstra que o caráter artificial da diferença e faz eclodir as inevitáveis semelhanças que acabam por disparar nossos mecanismos narcisísticos.

Enquanto “Adivinhe quem vem para Jantar” educa as massas contra o racismo a partir de apresentação de um herói negro irrepreensível a não ser em termos admitidamente racistas e socialmente inaceitáveis, “Inimigo meu” vai além e oferece uma moral ainda mais profunda e clara: se permanecermos trancados em nossos preconceitos, especialmente os raciais mas também os demais, nos alienamos de uma realidade cuja identidade humana é cada vez mais plural e fragmentada: se permanecemos com nossos inimigos, nossa realidade objetiva acabará nos destruindo.

Como o último humano descobre, assim como os pais do casal inter-racial, é possível superarmos esses mecanismos – mas, ainda mais importante, temos de superá-los. O racismo foi historicamente construído – pode ser completamente desmontado em um contexto histórico diferente como o nosso. Que a alteridade não signifique mais divisão e perseguição – é historicamente possível que nosso mecanismo de construção da identidade pela negação do outro seja uma expressão de afirmação das próprias pulsões individuais e não a seara do controle de grupo sobre o indivíduo.

Nesse sentido, a superação do racismo é uma agenda não apenas claramente humanitária – mas essencialmente de reafirmação pessoal, da promoção da liberdade individual frente ao controle social do grupo. Um tema, portanto, claramente condizente com o contexto cultural da pós-modernidade corrente.

O RACISMO NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA: OS CASOS CINEMATOGRAFICOS DE “ADIVINHE QUEM VEM PARA O JANTAR” (1967) E “INIMIGO MEU” (1985)

MARCELO CARREIRO

Notas

^IDoutorando em História Comparada (PPGHC/UFRJ), mestre em Segurança, Defesa e Relações Internacionais (Pró-Defesa/UFRJ), graduado em História (UFRJ) e com especialização em História e Cinema (UFRJ).

^I FREUD, Sigmund. **Sobre o Narcisismo: Uma Introdução**. In: Obras Completas. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1987. Vol. XIV.

^{II} FREUD, Sigmund. **O Mal-Estar na Civilização**. São Paulo: Editora Penguin, 2011.

^{III} HASEK, Jaroslav. **The Good Soldier Svejk**. Nova Iorque: Penguin Books, 2005.

^{IV} LEWIS, Bernard. **Race and Slavery in the Middle East: An Historical Enquiry**. Oxford: Oxford University Press, 1992.

^V HIPÓCRATES. **On Airs, Waters and Places**. Whitefish: Kessinger Publishing, 2004.

^{VI} ARISTÓTELES. **Das Partes dos Animais**. In: Obras Completas. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2010. v. 4, t. 3.

^{VII} FERREIRA, Aurélio B. de Hollanda. **Raça**. In: **Miniaurélio Eletrônico Versão 5.12**. Curitiba: Positivo Informática, 2004. Edição digital.

^{VIII} **ADIVINHE quem Vem para Jantar**. Direção de Stanley Kramer. Columbia Pictures, 1967. 108 min. Título Original: Guess Who's Coming to Dinner.

^{IX} **DEU a Louca no Mundo**. Direção de Stanley Kramer. Casey Productions, 1963. 192 min. Título original: It's a Mad, Mad World.

^X **JULGAMENTO em Nuremberg**. Direção de Stanley Kramer. Roxlon Films Inc., 1961. 186 min. Título Original: Judgment at Nuremberg.

^{XI} **INIMIGO Meu**. Direção de Wolfgang Petersen. 20th Century Fox, 1985. 108 min. Título Original: Enemy Mine.

Referências Bibliográficas

ROCCHIO, Vincent F. **Reel Racism: Confronting Hollywood's Construction of Afro-American Culture**. Boulder: Westview Press, 2000.

SPEARS, Arthur. **Race and Ideology: Language, Symbolism, and Popular Culture**. Detroit: Wayne State University Press, 1999.

VERKUYTEN, Maykel. **The Social Psychology of Ethnic Identity**. Oxon: Psychology Press, 2004.

WESTWOOD, Sallie. RATTANSI, Ali. **Racism, Modernity and Identity: On the Western Front**. Londres: Polity, 1994.